

## PENSAMENTO LATINO-AMERICANO E A IMPRENSA ALTERNATIVA: RELAÇÕES COM O JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA

Muriel Emídio Pessoa do Amaral

Mestre pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru) Professor do curso de Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade/Propaganda) da Universidade Norte do Paraná (Unopar)

### Resumo

O pensamento latino-americano comunicacional repercutiu em vários países dessa porção continental criando referências e estabelecendo novas formas de fazer e pensar a comunicação. Há várias contribuições dos autores dessa escola para o desenvolvimento da imprensa alternativa, também conhecida como imprensa nanica. Essa vertente da imprensa brasileira foi um mecanismo adotado para enfrentar e ao mesmo tempo amenizar as influências das estruturas de poder referentes à comunicação, na mesma medida que foi um dos canais criados para proporcionar o reconhecimento da cidadania de indivíduos considerados como “minorias” sociais. Com revisão bibliográfica e análise dos editoriais, esse trabalho pretende analisar a relação do pensamento comunicacional latino-americano para o enfrentamento do poder com o recorte do jornal *Lampião da Esquina*, um veículo de comunicação importante voltado para o reconhecimento do papel social de homossexuais entre os anos de 1978 e 1981.

**Palavras-chave:** Comunicação; *Lampião da Esquina*; Imprensa; Latino-americano

### Abstract

The Latin American thought communicational reflected in several countries of the continental references creating and establishing new ways of doing and thinking of communication. There are several contributions of writers of this school for the development of the alternative press , also known as plantain press . This aspect of the Brazilian press was a mechanism adopted to face while mitigating the influences of power structures related to communication, the same as one of the channels was created to provide recognition of the citizenship of individuals considered “ minorities “ social . With literature review and analysis of the editorial , this study aims to examine the relationship of Latin American communication thought to confront power with the newspaper clipping *Lampião da Esquina* , a communication vehicle aimed important to recognize the social role of homosexuals among years 1978 and 1981 .

**Keywords:** Communication; *Lampião da Esquina*; Press; Latino-americano

### Resumen

El pensamiento latinoamericano comunicacional refleja en varios países de las referencias continentales creación y el establecimiento de nuevas formas de hacer y de pensar de la comunicación . Hay varias contribuciones de escritores de esta escuela para el desarrollo de la prensa alternativa , también conocida como prensa plátano. Este aspecto de la prensa brasileña fue un mecanismo adoptado para enfrentar y mitigar la influencia de las estructuras de poder relacionados con la comunicación , al igual que uno de los canales fue creada para otorgar el reconocimiento de la ciudadanía de los individuos considerados “ minorías “ sociales . Con la revisión de la literatura y el análisis de la editorial , el presente estudio tiene como objetivo examinar la relación de la comunicación pensamiento latinoamericano para enfrentar el poder con el recorte de periódico *Lampião da Esquina* , un vehículo de comunicación dirigida importante reconocer el papel social de los homosexuales , entre años 1978 y 1981

**Palabras-clave:** Comunicación; *Lampião da Esquina*; Prensa; Latinoamerica

### **Lampião da Esquina & América Latina**

Poder parecer distante, mas as ideologias do pensamento latino-americano dialogaram com as propostas do jornal *Lampião da Esquina*, o primeiro veículo homoerótico de circulação nacional. A iniciativa de oferecer abertura de diálogos e manifestações se tornou a primordial das intenções do jornal, como uma tentativa mais democrática para amenizar as estruturas de poder da época que consideravam a homossexualidade com uma aberração social.

Desde o começo da imprensa no Brasil já se percebe a relação de poder atrelada às práticas jornalísticas, no período imperial com a circulação do *Correio Braziliense*, sob o comando de Hipólito José da Costa, e jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, essa publicação se torna uma espécie de porta-voz do Império, “um jornal oficial da corte de Dom João que sai diretamente dos prelos da Imprensa Régia, a qual compete o monopólio da impressão de qualquer obra tipográfica no país” (Barbosa, 2010).

Mesmo sendo um canal para a atualização de conhecimento, a comunicação pelas práticas jornalísticas podem ser concebidas pelo viés do poder, seja atrelado às camadas elitistas ou às forças intervencionistas do Estado. Na América Latina, essa situação foi muito marcante, ainda mais em países que passaram por períodos ditatoriais

Quer na estrutura capitalista, quer na socialista, os meios de comunicação estão sob o domínio da elite dirigente. No primeiro caso [camadas elitistas] pertencem aos grupos econômicos que os exploram como organizações industriais, produtoras de bens de consumo. No segundo caso, estão sob a influência do Estado, o que corresponde a dizer que se encontram nas mãos da elite política que detém o poder. (MARQUES DE MELO, 1971,p.12.)

Em outros estudos, Marques de Melo (1985) considerou o direito à comunicação como “um passaporte da cidadania, ao instrumento que viabiliza a integração de cada indivíduo à sua sociedade” (idem, p. 11). Além disso, o autor traçou um paralelo entre a comunicação e o trabalho, estabelecendo que tanto o trabalho como a comunicação se dissociaram e deixaram de ser direitos garantidos aos homens, e que foram deturpados.

Em verdade o que ocorreu foi uma dissociação entre trabalho e comunicação – as grandes maiorias são condenadas ao manejo das ferramentas da produção material; enquanto isso, se lhes impõe o silêncio como forma de garantir o ócio dos que manejam os artefatos simbólicos e se auto-excluem da ação braçal, corporal, física.

A comunicação, na sociedade de classes, assumiu a feição de privilégios daqueles que, atuando como depositários do saber coletivo, das experiências acumuladas, do simbolismo agregador da vida social, tornaram-se trabalhadores cerebrais, converteram-se em intelectuais (MARQUES DE MELO, 1985, pp.11-12).

Portanto, a comunicação se tornou um privilégio em países da América Latina, além de se tornar um artefato de dominação simbólica, justamente por estar concentrada em uma pequena parcela social e marmorizar discursos e representações, que estão relacionadas com as forças do Estado e da burguesia. Por isso, Marques de Melo (idem, p.13) considera que o “direito à comunicação, no sentido de acesso ao conhecimento, à informação, à opinião, constitui uma falácia em nossas sociedades latino-americanas”.

Antonio Pasquali (1973) traz reflexões sobre as condições de poder dentro do universo comunicacional quanto ao prejuízo cultural que a sociedade sofre e a recepção da informação. A produção da informação por parte dos grupos detentores da informação e a relação existente entre essas estâncias para a constituição da sociedade de massa.

Quando a desproporção entre agentes transmissores e receptores aumenta até atrofiar a bilateralidade da autêntica intercomunicação; quando o grupo de recepção se reduz ao papel de informado, em relação irreversível, diminui a força expansiva e autocriadora do saber, ficando reduzida sua função popular a uma relação unilateral entre uma oligarquia informadora convertida em elite e uma multidão indiferenciada de receptores, convertida em massa. (PASQUALI, 1973, p.9).

A reflexão de Pasquali forma um retrato muito recorrente na América Latina por conta dos períodos ditatoriais a que os muitos países foram submetidos, dentre eles o Brasil que passou pelo regime militar entre os anos de 1964 e 1985. Além da debilidade quanto a um posicionamento crítico a respeito do posicionamento sobre as informações passadas a população, a concentração da comunicação também foi uma das intervenções negativas. De acordo com Grinberg (1987), pode haver um desequilíbrio quanto ao fluxo comunicacional no sentido de envolver a participação desses personagens (receptor e emissor) no processo: há a concentração de emissores de informação, restringindo-se a poucos grupos, e a demanda não atende à quantidade de receptores da informação, que se seria a população em geral. Pela necessidade de comunicar e também de reverter a condição imposta pelas condições de poder é que surgem os veículos de comunicação alternativa.

A circulação no Brasil de veículos alternativos não foi apenas no período do regime militar, isso já ocorreu ainda no período colonial como crítica ao modelo de governo, seja em veículos institucionalizados ou material apócrifo. Mas, foram durante os anos de regime militar que a imprensa alternativa ganhou força como manifestação de resistência.

A imprensa alternativa, ou nanica (Kucinski, 1991), é uma vertente que oferece algo diferente às propostas encontradas na imprensa tradicional, não apenas no conteúdo do material que circula, mas também nos procedimentos de produção do conteúdo. Assim, o veículo alternativo não apenas oferece resistência aos atos de comunicação no sentido quanto ao ponto de vista ligado às frentes ideológicas, mas também quanto à participação dos receptores dessa mensagem, as fontes de financiamento e a rede de distribuição também são consideradas para que o veículo seja considerado alternativo (Grinberg, 1987).

Além disso, Kuniscki estabelece uma relação mercadológica quanto à formação de um veículo alternativo, em que a produção de informação não atende às perspectivas de trocas mercadológicas.

(...) No alternativo, jornalistas e intelectuais não são pagos para defender idéias dos outros, são mal pagos para dizer o que exatamente o que pensam. No alternativo, a notícia não é uma mercadoria: é valor de uso e não de troca. Não há nada mais anticapitalista do que isso, ainda que o alternativo tenha que pagar alguns salários e aluguéis, usar alguma publicidade. (KUCINSKI apud BECKER, 2009, p.274).

No Brasil, o fortalecimento da imprensa alternativa se deu também pelo desenvolvimento dos movimentos sociais de reivindicação, principalmente, pela democracia e também os de ordem sindical, os movimentos agrários e feministas que ascenderam durante o período. Independente da qualidade da manifestação, os movimentos sociais se caracterizaram como ações ideológicas de resistência às estruturas de poder e, também, de reconhecimento de cidadania das chamadas “minorias sociais”.

Lampião da Esquina se enquadra no terceiro período da imprensa alternativa brasileira (Festa, 1986). O momento compreende de 1978 a 1982 e foi marcado pelo abrandamento de medidas que impediam a liberdade de imprensa. O jornal começou a circular em 1978. Algumas considerações sobre esse momento é importante pontuar como interferência para a identidade

de da publicação e as formas de representação dos discursos apresentados. As movimentações econômicas e financeiras do país também foram importantes para perceber que o regime estava insustentável e havia a necessidade de reformulações. Os movimentos de redemocratização começaram a vir à tona antes de 1978. O regime militar começa a perder forças, o que deu margens para reconfigurar a história.

A capacidade desmobilizadora do regime refluía. Se de 1964 a 1973 cada mudança da ditadura correspondera a um novo grau de desmobilização, depois das eleições de 1974, em apenas dois anos, dera-se inverso. A sociedade mobilizava-se, de forma lenta, gradativa e segura. Nem o governo e nem a sociedade sabiam como que velocidade e em que direção ela seguiria. (GASPARI, 2004, p. 323)

Não obstante às condições sociais e as articulações para a formação de frentes de resistências, o país ainda passava por crises econômicas como as altas taxas de inflação e o aumento da dívida externa por conta do petróleo

Para crescer, superando os constrangimentos impostos à economia pela crise do petróleo, o governo endividava o país. Em três anos, captara 11,8 bilhões de dólares. Entre 1974 e 1976, a relação entre o serviço da dívida e as exportações passara de 33% para 47%. Os empréstimos tomados em 1977 fariam da dívida brasileira, que se aproximaria dos 30 bilhões de dólares, a maior do mundo subdesenvolvido (GASPARI, 2004, p.336).

Foi também em 1978 que o Ato Institucional número 5 (AI-5) perdeu forças. Redigido pelo ministro da justiça Luís Antônio da Gama e Silva, em 13 de dezembro de 1968, o AI -5 entrou em vigor durante o governo do então presidente Artur da Costa e Silva (1967-1969), foi considerado um dos mais árduos atos devido às medidas muito impositivas e drásticas. Esse ato concedia plenos poderes ao presidente, que ocasionou o fechamento do Congresso Nacional e proibição de manifestações políticas, dentre elas a liberdade de imprensa. Mas, em 1978, o AI-5 enfraquece no governo de Ernesto Geisel (1974-1979).

Com a percepção das condições sociais e econômicas brasileiras, as reflexões sobre a imprensa no Brasil e as relações de poder dão base para que sejam traçadas um novo paradigma para imprensa voltada ao público homossexual no período da ditadura militar. A notoriedade da comunidade gay se manifestou com os processos de urbanização a partir dos anos de 1950, ainda mais em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, pela formação de espaços de sociabilização desses indivíduos. James Green (2000) afirma que em Copacabana, no Rio de Janeiro, já havia vários estabelecimentos de encontro entre homossexuais e era possível se deparar com pessoas de diferentes gêneros e identidades sexuais. Os veículos da imprensa gay se tornaram uma forma de contemplar essa dinâmica social urbana pela qual o país estava passando e de algum modo oferecer visibilidade e reconhecimento desses indivíduos no espaço social, não os restringindo ao limbo da sociedade pela orientação sexual. Nessa condição, a comunicação voltada a esse público se tornou uma ferramenta para oferecer possibilidades de manifestação de opinião e de cidadania, uma referência muito semelhante aos propósitos dos pensamentos que solidificaram os ideais do pensamento latino-americano. O jornal *Lampião da Esquina* se propôs a essa tarefa. O jornal teve como propósito de oferecer outra forma de participação dos homossexuais no meio social, amenizando os preconceitos e também “dando voz” aos excluídos, não se limitando apenas em defender a causa de homossexuais, mas também de outras “minorias” como mulheres, negros e ecologistas. *Lampião da Esquina* não foi o primeiro veículo gay no Brasil, outras publicações o antecederam, sendo encontradas algumas no eixo Rio de Janeiro e São Paulo e também em Salvador, na Bahia<sup>1</sup>. Paralelamente a esses veículos, jornais de grande circulação também reservavam espaços em suas páginas para apresentar material de cunho homoerótico,

como é o caso da “Coluna do Meio”, assinada pelo jornalista Celso Curi, no jornal Última Hora. A coluna durou quase dois anos, (1977/1979) e o próprio jornalista optou por abandoná-la por questões judiciais, Curi respondia processo por promover “encontros entre anormais” (Trevisan, 2004, p.347).

O destaque de Lampião foi pela ousadia editorial, pois uma publicação produzida de modo alternativo quanto à resistência ao poder, atingiu grande parte do território nacional, algo quase inimaginável aos padrões da época. A iniciativa de produzir um jornal direcionado aos homossexuais partiu da ideia de um grupo de intelectuais, alguns de reconhecimento nacional na área em que atuava, depois da volta do ativista João Silvério Trevisan e da conversa do grupo com Winston Leyland, editor da revista Gay Sunshine Press, no apartamento do artista plástico Darcy Penteado, que se tornou um dos colaboradores da publicação.

O nome do jornal seria uma alusão satírica à masculinidade do apelido do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, mas que também veio trazer “luz” para os caminhos do reconhecimento dos direitos homossexuais, e a menção da esquina com um lugar marginalizado. Mesmo sendo registrado com o nome Lampião da Esquina, o jornal era mais conhecido apenas como Lampião. No editorial da primeira edição, a chamada edição o, afirma que o jornal teve como intenção tirar os gays dos guetos (bares, saunas e boates) e estimular a participação social dos homossexuais no meio social.

o que Lampião reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito - o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal. (...) estaremos mensalmente em todas as bancas do País, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados - dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias. Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas (Lampião, Ed., n. o, Rio de Janeiro, abr. 1978).

No próprio editorial, a necessidade de trazer à tona feministas, ecologistas e negro. Foram 36 edições até, que por consenso do conselho editorial, fechar as portas em julho de 1981. Nesse tempo, o jornal deixou marcas tanto no cenário da comunicação do Brasil, quanto no papel de um ator de promoção da visibilidade de homossexuais.

Ao contrário das demais publicações, Lampião teve distribuição em todo território nacional, se tornando assim um intermediador entre encontros e trocas de correspondência também entre os leitores. Na mesma proporção que aumentava o reconhecimento do jornal tanto entre a comunidade gay como entre parte da sociedade da época, crescia também o ódio aos homossexuais. Na época em que Lampião circulava a homossexualidade era considerada um desafio patológico, sendo assim, a Polícia Federal convocou toda a equipe da redação do jornal para prestar depoimento sobre a acusação de que seriam “pessoas que sofriam de graves problemas comportamentais” (Trevisan, 2004, p.346). Nenhum integrante do jornal foi preso e com a ajuda jurídica do Sindicato dos Jornalistas, o caso foi arquivado. Além dessa intempérie, bancas de jornal foram sofrerem ataques de bombas em resposta aos avanços dos veículos alternativos e da imprensa pornográfica.

No segundo semestre de 1979, começaram a explodir bombas em bancas de jornais de vários pontos do país, com panfletos anônimos exigindo que não mais fossem vendidos nem jornais alternativos (quase sempre da esquerda) nem revistas ou jornais considerados pornográficos (e numa das listas apareceu o nome do Lampião). As bombas foram vagamente atribuídas, pelo governo, a comandos paramilitares. Mas nunca se instaurou nenhum inquérito para apurar donde provinham e quem eram os integrantes de tais grupos, autodenominados Falange Pátria Nova, Brigada Moralista e Comando de Caça aos Comunistas. (TREVISAN, 2004, p.346).

Como o jornal fora lançado em 1978, um período em que as ações de repressão à imprensa estavam mais brandas, a equipe do Lampião sentiu as consequências positivas e negativas desse período. Pelas divergências administrativas, os frequentes desentendimentos da equipe e a falta de recurso financeiro para se manter, Lampião entra em crise. A institucionalização do movimento gay pelo país tornou a militância da causa muito mais um efeito de ordem burocrática e formalizada que uma ação de frente ideológica. Essa relação fez com que os diretores do jornal entrassem em choque com lideranças de outros movimentos espalhados pelo país.

(...) parte da equipe (do jornal), assustada com o ufanismo militante e a cooptação partidária de amplos setores do movimento homossexual em várias partes do Brasil, já em 1980 começou a desligar-se do compromisso moral com os grupos organizados, propugnando uma autonomia ampla e manifestando franca hostilidade contra a burocratização que começava a moldar o ativismo guei (TREVISAN, 2004, P.346).

Com as mudanças sociais que ocorrem na América Latina e que ainda acontecem, houve muitas transformações quanto à imprensa homoerótica, ainda mais das publicações brasileiras. A ideologia ficou amenizada. A própria condição social da perda de forças do regime proporcionou também o enfraquecimento jornal enquanto um discurso de resistência.

No começo dos anos de 1980, o Brasil passou pelos processos de redemocratização. Além do desejo da população pelo voto direto, houve a abertura para a entrada de capital estrangeiro e a tão almejada liberdade de expressão e imprensa. Houve um movimento desconhecido para o mercado editorial: a invasão de publicações pornográficas gays estrangeiras. Vários títulos chegaram a baixos custos, eles eram produzidos no exterior e impressos no Brasil. Na tentativa de oferecer uma sobrevida ao Lampião, os editores passam a publicar conteúdos erotizados nos textos, imagens e anúncios publicitários. Kucinski (1991) afirma que Lampião deixou de ser elegante e passou a ser pornográfico. Homens nus passam a estampar as páginas no jornal, incluindo a capa. Além disso, a elegância e a senso combativo perdem forças para explorar o lado bizarro e sensacionalista da diversidade sexual veiculando imagens de travesti e drag-queens em atividades noturnas. Lampião parou de circular em 1982, deixando uma lacuna nas publicações homoeróticas.

Até meados dos anos de 1990, a imprensa gay era de cunho quase exclusivamente erótico. Camufladas com título que ofereciam uma “vida naturalista”, em contato com a nudez e a natureza, essas publicações veiculavam exclusivamente imagens de homens nus ou de sexo explícito trazendo textos com informações de conteúdo duvidoso de pesquisas sobre sexualidade como é o caso as revistas “Gay Scope”, “Ciência e Nudismo”, e a “Spartacus”. Entra em cena, não mais a militância, mas sim o diálogo com as referências capitalistas de consumo, não apenas de bens materiais, mas também de bens simbólicos, como o prazer e o corpo, como as revistas G, que é 2011 tinha como nome G Magazine, e a Junior.

Não se pretende com esse artigo condenar ou rechaçar as formas contemporâneas de consumo do corpo, até por que a democracia e a liberdade de imprensa e expressão contemplam várias formas de representações. O ponto crítico dessa abordagem é mudança das formas de

representação: dos conteúdos de cunho ideológico para a noção de consumo. Canclini (2008) apresenta uma reflexão quanto às relações de cidadania e consumo. Além das referências de reconhecimento de uma pátria e da garantia de direitos e deveres no meio social, a cidadania está atrelada ao consumo. O indivíduo que consome dialoga com os conceitos de cidadania, pois são reconhecidos seus direitos e deveres. O consumo não se atém apenas a bens materiais, mas também de serviços públicos e que são de obrigação do governo prestar como educação, saneamento básico, programas de saúde.

As revistas e demais publicações homoeróticas também refletem essa condição, pois estão inseridas nesse contexto social de associar o consumo à cidadania. Os discursos midiáticos têm essa qualidade de moldar e ser moldado pelas referências sócio-culturais de uma determinada sociedade, oferecendo um discurso mais unificado quanto aos modos de representação.

### **Considerações Finais**

O jornal *Lampião da Esquina*, embora teve uma passagem meteórica na imprensa brasileira, a contribuição dele dialoga com as propostas dos ideias latino-americanos da comunicação sobre posicionamentos libertários e de resistências às estruturas de poder, pensando a comunicação como uma ferramenta acolhedora entre os indivíduos. Provavelmente, essas contribuições foram se diluindo com outras referências culturais que surgiram ao longo de várias ressignificações a que a sociedade brasileira se deparou.

Hoje, as publicações gays não trazem as referências de representação presentes no jornal *Lampião da Esquina*. Com o final do jornal se foram também as concepções associadas à ideologia. O discurso é outro. Até por que é outro contexto social, o consumo está presente do modo mais marcante, anulando outras formas de representação que não dialoguem com os seus ideais.



### **Referências bibliográficas**

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BECKER, Maria Lucia. “Mídia Alternativa: antiempresarial, antiindustrial, anticapitalista?” In: WOITIWICZ, Karina Janz (org.). *Recortes da Mídia Alternativa: histórias & memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2009.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2008

FESTA, Regina. “Movimentos Sociais, Comunicação Popular e Alternativa”. In: FESTA, Regina; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (orgs.). *Comunicação Popular e Alternativa no Brasil*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

GRINBERG, Máximo Simpson. *A Comunicação Alternativa na América Latina*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

GREEN, James. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionário da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Escrita Editorial, 1991.

MARQUES DE MELO, José. *Comunicação, Opinião, Desenvolvimento*. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

\_\_\_\_\_. *Comunicação: teoria e política*. São Paulo: Summus, 1985.

PASQUALI, Antonio. *Sociologia e Comunicação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Edição revisada e ampliada – 6ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

### **Notas**

<sup>1</sup> Entre as publicações: *Le Femme*, *Subúrbio à Noite*, *Gente Gay*, *Aliança de Ativistas Homossexuais*, *Eros*, *La Saison*, *O Centauro*, *O Vic*, *O Grupo*, *Darling*, *Gay Press Magazine*, 20 de Abril, *O Centro* e *O Galo*. Em Niterói, havia *Os Felinos*, *Opinião*, *O Mito* e *Le Sophistique*. Na Bahia foram lançados *Fatos e Fofocas* (1963), *Zéfiro* (1967), *Baby* (1968), *Little Darling* (1970) (LIMA, 2007), todas em caráter alternativo, sem grandes projeções fora das cidades em que eram editadas e com baixo orçamento para produção.